

# Resenhas

CANESE, Jorge. (de gua'u) la gente no cambia. Asunción, Arte Nuevo, 1986. 136 p.

É fato consabido que os leitores brasileiros consomem a literatura de uma lista pré-fabricada de obras, os best-sellers, que, muitas vezes, pouco tem a ver com qualidade, como frisou um repórter espanhol quando se referia a um novo marketing que visa a um maior consumo da literatura através da exposição e venda de livros em grandes lojas de departamentos e em restaurantes da moda na Espanha: "e não vendem apenas os best-sellers, mas, inclusive, livros de qualidade".

A grande maioria do público leitor brasileiro tem um desconhecimento generalizado sobre os escritores hispano-americanos, nossos vizinhos. Apenas alguns autores, cujas obras fazem sucesso nos Estados Unidos e/ou na Europa, são conhecidos e muitas vezes traduzidos, tais como García Márquez, Pablo Neruda, Mario Vargas Llosa, Eduardo Galeano. Outros, embora com algumas obras traduzidas, são conhecidos apenas por um público restrito, como é o caso de Carlos Droguett, Juan Rulfo, Alejo Carpentier, Miguel Ángel Asturias, Ernesto Sábato e Julio Cortázar.

Dos escritores paraguaios, Roa Bastos talvez seja o único que tem livros traduzidos ao português (*Yo el supremo* e *Hijo de Hombre*, este traduzido e editado em Portugal). Duas obras-primas de um escritor de primeira grandeza. Onde os demais escritores? Onde os poetas? Como tantos outros escritores de valor da América hispânica, são desconhecidos no Brasil. A tão propalada integração latino-americana não se concretizou a nível da cultura, onde, na realidade, deveria começar.

Daí que o nome Jorge Canese "no nos suena", como se diz em espanhol.

Jorge Canese nasceu em Assunção, Paraguai, em 1947. É médico e professor universitário. Escreve desde 1968, mas somente em 1977 publicou seu primeiro livro (*Más poesía*. Asunción, Ediciones Criterio). Desde sua primeira obra publicada, se nota a trajetória de sua poesia em *Esperando el viento* (Asunción, Diálogo, 1981), *Aháta Aju* (Asunción, Al-

candara, 1984) até (de gua'u) la gente no cambia. Na Argentina publicou *Paloma blanca, paloma negra*.

Se nos primeiros livros, as poesias de denúncia e do desferro de Canese são contundentemente claras como em *¡Viva la Patria!* onde diz "Torturado/fui dejado/(ya por muerto)/ al costado del camino/ — O colgado de un árbol/ fusilado/ lanzado desde aviones/ al mar, encapuchado/ a plena tierra/ embolsado/ ametrallado entre tantos/...", já em (de gua'u) *la gente no cambia*, pode-se perceber, desde o título, cuja tradução é "(mentira) as pessoas não mudam", a intenção do autor de levantar questionamentos, dúvidas ao leitor.

Ao final da primeira poesia *¿De — gua'u? temos o primeiro convite à introspecção:*

... "Auguro pues, que así,  
mientras les miento (de-gua'u por esta vez)  
puedan Uds. solazar aquí  
sus propias mentiras, sus rajés, sus llantos,  
sus rayaduras y crespones tiernos,  
sus amalgamas de amianto y jazmín,  
sus deseos (oscuros y banales)  
sus afanes y sus madrugadas  
tan profunda-y-probablemente iguales (y verdes)  
a las mías" (p. 20)

Há um amadurecimento de Canese ao abordar os temas. Mais do que afirmações, há interrogações; mais do que declarações, sugestões, mais do que definições, sacudidas... Sacode a consciência adormecida do leitor e o faz reavaliar o poder de uma sociedade de consumo, o deterioramento da imprensa, os mitos de liberdade e democracia, o servilismo, o autoritarismo, o valor mesmo da vida, a incomunicabilidade e a "deformação" da própria linguagem, das palavras, símbolos, do idioma, enfim.

Neste livro, Canese demonstra pleno domínio do uso da língua, ainda que para parodiá-la:

"En el kolmo del hemvole,  
excrivo con fartas de holtografia  
i zi les molexta, habícenme,  
ací korrifo exto  
i shau." p. 120.

Para o leitor desprevenido há necessidade de esclarecer que Canese utiliza-se de muitas expressões em língua guaraní; sem o conhecimento do significado desses termos, a leitura se perde, como é o caso do título (de gua'u) *la gente no cambia*.

Nair Takeuchi

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *O amor nos tempos do cólera*. Trad. Antonio Callado. Rio de Janeiro, Record, 1986. 429 p.

Já estava correndo o mundo hispânico, editado pela Bruquera de Barcelona e pela Oveja Negra de Bogotá, o último livro de Gabriel García Márquez, *El amor en los tiempos del cólera* quando foi publicado no Brasil na tradução de Antonio Callado.

Na capa azul tanto da edição da Bruquera, como na da Record incrusta-se pequeno quadro de uma paisagem tropical e vegetação densa. Em primeiro plano, iluminado, um cupido estira sorrindo, a corda de seu arco, pronto para lançar a flecha na direção paralela à rota do pequeno navio que, no segundo plano, navega seguindo de espuma e de abundante fumaça. Fumaça que o vento conduz para a esquerda da gravura, assim como conduz a bandeira amarela que aparece, então, desfaldada. É a bandeira do cólera, interditando o barco, afastando-o da margem. A bordo, Fermina Daza e Florentino Ariza, isolados para o prolongamento da vida que se atribuíram ao conceder-se finalmente, o amor.

E, digamos, que este último romance de García Márquez seja um livro, principalmente, sobre um amor. Também poderia ser um livro sobre amores se eles não se desvanecessem diante do amor maior que nasceu de uma visão, cresceu de esperança, fortificou-se de ausências, enfraqueceu para renascer, definitivo.

Tinha treze anos Fermina Dazam quando emoldurada pela janela, foi entrevista por aquele que, dominado pelo olhar causal que recebeu iria segui-la ao longo da vida. Caminhos paralelos, cruzados, interditados num longo tempo minuciosamente registrado por Florentino Ariza que, então, após esses "cinquenta e três anos, sete meses e onze dias com suas noites", pode finalmente acreditar que a viagem fluvial e amorosa não se limitaria a ser somente o desejo, enfim, realizado, mas o início de algo que sempre desejou eterno, imenso "toda la vida".

É o encanto da história de amor num relato prenhe de acontecimentos. Um narrador convencional que, por vezes, se deixa surpreender por um "nosotros", um narrador que assume, como seu, o mundo descrito, denunciando-se em algo de seus personagens.

Uma narrativa conturbada, de meandros e de espirais que se desenovelam para mostrar-se sem segredos. Alguma vez uma grande imprevista, mudando a direção da narrativa. Outra, uma situação lembrando Proust. Ainda, um detalhe ou outro, remetendo a um outro texto. Ao "El amor más allá de la muerte", por exemplo.

Um mimético do real latino-americano, criando um mundo de maravilhas por meio de achados estilísticos que praticamente, se resumem no uso sapientíssimo do adjetivo.

Nas costas do Caribe, a cidade de Fermina Daza e de Florentina Ariza é, como tantas vezes acontece na América, um misto de fragância de jasmim e de pestilência. Cidade dividida em castas — obrerio mulato, sobrenomes sonoros — onde uma parte da população chafurda na lama e a outra imita a Europa usando casaco de pele na canícula, obedecendo a mesma etiqueta do velho mundo nas noites líricas. Costumes e ritos anotados por uma presença crítica e mordaz.

Prazeres e descobertas de uma leitura única, que não precisaria de pontos de referência. Abrangente e multifacetada, trazendo em seu bojo um universo colombiano onde se podem mirar os demais do continente. Como sempre, Garcia Márquez.

Cecilia Zokner.

\* \* \*

TELLO, Antonio. *De cómo llegó la nieve*. Barcelona, Tusquets, 1987. 256 p.

Difícil recobrar a palavra, a verdade.

“Cinco años padecí mirando eternas/ cosas de soledad y de infinito,/ que ahora son esa historia que repito, / ya como una obsesión, en las tabernas.” Esta epígrafe de Jorge Luis Borges serve de mote a *De cómo llegó la nieve*. Repetir ad infinitum uma história, repetir a epopéia de um povo buscada na memória, entre os estilhaços perdidos de recordações, entre pedaços multifacetados de espelhos que reproduzem imagens próprias que já se tornaram alheias, essa é a obsessão de Manuel T., o protagonista que volta ao seu país após um exílio mas vê-se com a identidade perdida, um estranho em sua terra. Um fantasma entre fantasmas.

Por mais que busque em bibliotecas, livrarias da cidade ou mesmo escavando à cata de possíveis livros enterrados não encontra a história. Busca árdua, inglória, febril. O personagem, contador da história, busca complementar através de cartas, testemunhos, prontuários, o que a memória lhe devolve em imagens fragmentadas e conta uma história coletiva, a epopéia de um povo engendrado entre “batalhas invisíveis”, em um mundo mítico povoado de soldados e ginetes como “anjos implacáveis e terríveis” que impõem o medo e o vazio do alto de suas armaduras.

Que país é este de eternas solidões, de misteriosa vastidão, de pampas, de mapuches exterminados, de ossários clandestinos, de “risos que vestem uniformes”?

A narrativa tem um feitiço de cantar de gesta mas, fugindo à regra dos poemas épicos onde o herói é um guerreiro, em *De cómo llegó la nieve* o personagem Manuel T. é um poeta que, à feição do personagem Segismundo de *La Vida es Sueño* de Calderón de La Barca, questionando o poder e o livre arbítrio, afirma: "Todos somos inventos, personajes que deambulamos en un mundo ficticio, sombras lánguidas de otro que nos sueña. Sí, somos sombras soñadas, determinadas por la anarquía de una consciencia caprichosa, inestable, voluble".

Que neve é essa que perpassa toda a narrativa? É a neve das noites frias, do medo, das matanças, dos fantasmas cavalgando em potros brancos, da morte que se amontoa como os flocos que caem sobre a calçada. E ainda: é a neve que dissimula as pegadas, que desfaz as marcas de sangue... Imagem forte, comunicativa, belo achado. A propósito, a capa do livro, reprodução de um detalhe de "O mar de gelo" de G.D. Friedrich (Hamburgo) onde jaz um navio tombado entre icebergs, não deve passar despercebida.

Os capítulos do romance, independentes entre si, são verdadeiros poemas e, segundo o comentário na contra-capá, fazem parte de um quebra-cabeça no qual o leitor "colocará as peças que faltam pois a memória dos poetas é imperfeita".

Quem é o autor? Antonio Tello é um romancista argentino nascido em 1945 em Córdoba. Por sua vinculação com a revista "Punto" é obrigado a deixar o país e, desde 1975, vive na Espanha onde exerce a função de jornalista. É autor do livro de contos *El día en que el pueblo reventó de angustia*. Organizou em 1977 uma antologia de contistas cubanos. *De cómo llegó la nieve* é o seu primeiro romance. O segundo, *Los días de la eternidad*, já está a caminho. O fato de ter sua obra publicada pela conceituada editora Tusques de Barcelona demonstra o valor deste escritor que desponta.

Através de seu personagem Manuel T., Antonio Tello revela-se um menestrel moderno que canta/conta uma história ainda não escrita e que ficou no ar ou no silêncio em um "extenso tempo da infâmia".

**Leonilda Ambrozio**